

Jogo de2

A PERSISTÊNCIA DA IMAGEN

Raúl Hernández Garrido

Tradução: Ruth Carlos (ruth_carlos@oi.com.br) Whatsapp: 55 21 99116-0170)

(ESCURIDÃO. Três toques de comunicação telefônica. O quarto é interrompido por um estalo eletrônico: começa a comunicação. Uma voz de mulher jovem responde. Não ouvimos quem ligou, só a voz da jovem do outro lado da linha.)

Fale...

(Pausa da jovem, enquanto escuta. Apenas sufoca a respiração. Numa tensa excitação, causado pelo que o seu interlocutor diz.)

Perdão. Quem é?

(Pausa. Ela continua, confusa)

Como? Sim, sim. Esse é o meu nome. E você? Quem é você?

Como conseguiu este número? O que quer de mim? Um amigo em comum te passou? Um cliente meu? Porque exatamente está me ligando? Algum trabalho? Visita? Sinto muito. É minha folga.

Não, impossível. Não insista.

Obrigada, mas não é questão de dinheiro.

Não aceita um não como resposta. Perdão? Aonde diz que teria que ir?

Espera, deixe-me pensar. Pode repetir o endereço. Sim, sei aonde é.

Por um extra, não tem problema. Vou cancelar o que eu tinha que fazer. Mas é uma exceção que abro para você.

(Com preocupação)

Diga, o que esse seu amigo lhe falou?

Não acredite em tudo que ele diz.

23 anos.

(mudança brusca de tom. Uma voz baixa, sussurrante.)

23 anos.

(Pausa. Continua o sussurro.)

85-55-90.

Não faz idéia?

(Do sussurro a um tom mais brincalhão)

Sou pequena, jeitosa. Moreninha, cara de menina, olhos negros.
Boas tetas e um traseiro redondo e brincalhão.

(a insinuação acaba com uma risadinha curta. Interrompida a seco)

Agora sim, imagina? Está gostando?

Todo o tempo que quiser, sem pressa.

Em dinheiro, 240 mais 30 pelo taxi. Me dá seu endereço.

Pode repetir, por favor. Não anotei direito.

Pronto. Em uma hora estarei lá.

(SILÊNCIO.)

(Uma sucessão de fotos fixas, imagens roubadas, aparentemente resultado de uma reportagem de uma agência de detetives – insuficientemente iluminadas; pouca definição. Uma voz masculina descreve com entonação fria e impessoal, sem nenhuma tensão; seu som misturado com a sujeira do gravador, entre uma frase e outra, pausas agônicas: ruído eletrônico.

A presença real da atriz sobre a cena, em sua radicalidade de corpo.

Efeito sonoro: a cidade

A dor no olho pela alternância de flashes e escuridão, da foto projetada, a escuridão, o flash impactando o fundo da retina)

18:06. CONTATO VISUAL ATRAVÉS DA JANELA. ELA USA UMA TOALHA ENROLADA NO CORPO E O CABELO VISIVELMENTE MOLHADO. ATENDE O TELEFONE. A CONVERSA É CURTA. ELA ANOTA ALGO E DESLIGA. SAI DO QUARTO. PERDE-SE O CONTATO VISUAL.

18:26. É RESTABELECIDO O CONTATO VISUAL NA PORTA DO EDIFÍCIO. EM SEU INTERIOR, ELA CRUZA COM UM CASAL DE MEIA IDADE. O HOMEM A OLHA. ELA ABRE A PORTA E SAI.

DESCRIÇÃO DA JOVEM: UNS VINTE E CINCO ANOS, ALTA, MAGRA. CABELO CASTANHO, LONGO, PRESO NUM RABO DE CAVALO. BLUSA MUITO DECOTADA, DE COR MALVA CLARO. SAIA AZUL ESCURO CURTA. BOTAS PRETAS. NO OMBRO LEVA UMA BOLSA VERMELHA PEQUENA.

ELA SAI NA RUA. ELA CAMINHA PELA AVENIDA PRINCIPAL. SEUS PASSOS SÃO REGULARES. DOIS HOMENS JOVENS A CRUZAM, A OLHAM E COMENTAM ALGO. ELA CONTINUA ANDANDO.

ELA PARA NA BEIRA DA CALÇADA. OLHA DENTRO DA BOLSA. FAZ SINAL PARA UM TÁXI. ENTRA E TIRA UM PAPEL QUE PASSA AO MOTORISTA. O CARRO ARRANCA.

PERDE-SE O CONTATO VISUAL ÀS 18:39

(Escuro)

(O olho vai se acostumando com a quase escuridão em que está a cena. Nela, o ator: o CLIENTE espera.

Atrás dele existe uma parede.

E diante desta, apoiado no chão, um grande espelho de corpo inteiro, quebrado de ponta a ponta.

Toca a campainha.

O cliente sai de cena em direção à entrada da rua. Depois de pouco tempo, um som de uma porta se abrindo. E uma voz de uma jovem, a mesma que ouvimos na conversa por

telefone. O começo da conversa se desenvolve fora de cena. A princípio, como um cochicho inaudível, depois mais compreensível

CORPO: Noemí.

CLIENTE: Perdão? Perdão?

CORPO: Noemí.

(Silêncio.)

Me chamou.

CLIENTE: Sim.

CORPO: Me esperava, não é? Ou tem algum problema?

CLIENTE: Não, claro. Você é...

CORPO: Noemí.

CLIENTE: Noemí.

CORPO: Quer que entre ou não?

CLIENTE: Por favor, pode entrar. Cuidado com os degraus.

(Passos, a porta fechando)

CORPO: Estou vendo, obrigada. Por um momento tive medo de ter me enganado de porta.

CLIENTE: Isso é impossível. Fez-me repetir as indicações mais de três vezes. Não faz nem meia hora que te liguei. Mora perto?

(Os passos dela param.)

CORPO: Talvez tenha chegado muito cedo.

CLIENTE: Não sabe o quanto fico feliz que já esteja aqui.

(Os passos continuam.)

CORPO: Esta casa...

CLIENTE: O que é que tem?

CORPO: É grande, muito grande.

CLIENTE: gosta?

CORPO: Sim, gosto. Deve valer uma fortuna, em uma região tão valorizada como esta.

CLIENTE: Foi uma herança. A verdade é que sempre morei aqui. Nunca quis me mudar. Por isso, não pensei em quanto poderia pedir pela casa.

CORPO: Não é supersticioso. Outro espelho quebrado.

(Passos. E finalmente, antes que o faça o cliente, a atriz: o CORPO entra na cena, na sala de estar. Vai vestida igual a jovem moça das fotografias. Olha com especial atenção. Seu reflexo a olha desde o espelho quebrado.)

Com o da entrada são dois.

(Ele entra depois dela, e se apressa em pegar o sobretudo.)

Muito amável.

CLIENTE: A bolsa?

CORPO: Prefiro tê-la por perto, obrigada.

CLIENTE: Como quiser.

CORPO: Pode acender a luz?

CLIENTE: Perdão?

CORPO: A luz. Com tão pouca claridade, vou tropeçar e cair.

CLIENTE: Sim, com certeza.

(Ele toca o interruptor e se acende uma luz tênue, mas suficiente para se mover sem problemas. Com um gesto, assinala o sobretudo da jovem que carrega em seus braços.)

Logo estou com você.

(Ele sai para guardar o sobretudo. Ela faz um reconhecimento rápido e preciso do salão. Levanta as cortinas e se certifica se as persianas estão baixadas. Ele continua fora de cena e ela fala com ele elevando a voz.)

CORPO: Por que as persianas estão baixadas? É dia lá fora.

CLIENTE: Por discrição. É melhor assim.

CORPO: Uma casa quase às escuras e dois espelhos quebrados. Algum significado especial?

CLIENTE: A que você se refere?

CORPO: Os espelhos, se tem algum significado especial para você. Talvez goste, simplesmente. E nada mais. É assim? Quem sabe é daquelas pessoas que colecionam coisas, e ponto.

(Ela dá uma volta ao seu redor, tentando descobrir algum movimento estranho nos corredores contíguos ao salão. Sempre que acaba de falar, ela espera para ouvir a resposta dele. Comprovando que o homem ainda continua fora e ela pode seguir inspecionando tudo com inteira liberdade.)

CLIENTE: Estes espelhos também sempre estiveram aqui. Foram parte da herança. Vinham com a casa...algum dia farei uma limpeza e os jogarei fora.

CORPO: Seria uma pena.

Mora sozinho?

(Ele entra sem ruído no cômodo, sem que ela se dê conta, e sem fazer nenhum gesto que a faça saber que chegou. Fica quieto, a observando ou, ainda mais, a escutando. Ela, ignorante de sua presença, continua examinando o salão.)

Parece uma casa muito grande para uma pessoa. Eu me perderia e não saberia nem chegar à cozinha. Se vira bem sozinho ou alguém te dá uma ajuda?

CLIENTE: Se importa com isso?

(Ela se assusta, teme ter sido surpreendida por sua inspeção.)

CORPO: Perdoe-me a curiosidade. É simplesmente falar por falar.

CLIENTE: Me viro bem, se tanto quer saber.

CORPO: A verdade é que me chama a atenção que alguém como você me chame para um *servicinho*. É jovem, bonito...não tem namorada, ou alguma amiga?

(Ele se volta para ela. Sorri, de maneira forçada. Em todas as suas ações existe algo de estranho, algo de ausente, de apreendido. Como as ações de um mau ator repetindo um papel de forma pouco convincente.)

CLIENTE: Me viro bem. Você é muito curiosa.

(Ele acaba a frase e de repente fica quieto e calado, como se esperasse que ela continuasse falando. Ela mantém o silêncio. Finalmente, a jovem o pergunta a queima-roupa)

CORPO: Por que me olha dessa maneira?

CLIENTE: Como não vou te olhar? É difícil não olhar.

(O CLIENTE se aproxima ao CORPO, e quase a abraça)

Olhar esse Corpo...e esse rosto...como não te olhar? Olhar esses olhos. Não a aborrecerei se fizer uma e mais outra vez. Se te chamei aqui é para poder desfrutar e olhar o que deseje a meu gosto.

CORPO: Só me olhar?

CLIENTE: Te olhar e coisas mais. Mas todas ao meu gosto.

(O CLIENTE se detém um momento junto ao lado de CORPO. Ela se separa dele. Ele se dirige ao bar.)

Te sirvo uma taça.

CORPO: Tem tudo muito bem preparado.

CLIENTE: O que uma preciosidade como você merece.

CORPO: Tudo no ponto. Luz acolhedora, ambiente íntimo. Tudo muito sugestivo.

CLIENTE: Brindemos como se fossemos velhos amigos que voltam a se encontrar depois de um longo tempo.

(Ela mostra uma súbita inquietude.)

CORPO: O que é que há aí? Tem alguém mais?

CLIENTE: O que é agora?

(Ela se distancia dele, alerta, olhando a porta.)

CORPO: Ouvi um ruído.

CLIENTE: As casas velhas estão cheias de sons estranhos.

(Ela se aproxima da porta e inspeciona.)

CORPO: Não haverá ninguém escondido?

(Ele sorri.)

CLIENTE: Escondido? Por que haveria?

CORPO: Não me diga que você não escutou nada.

CLIENTE: Talvez tenha razão. Às vezes soa algo. Já te disse. As casas velhas. Eu não presto atenção a esses ruídos, nem sequer os ouço mais. Se sentiu algo, não se preocupe. Não tem ninguém. Pode se certificar se não acredita.

(Ela persiste em suas suspeitas.)

Não é bom ser tão desconfiada.

CORPO: Qual o seu nome?

(Ele sorri.)

CLIENTE: Me chame de Andrés.

CORPO: Andrés. Como quiser. Você já sabe meu nome.

(Ela abre sua bolsa. Duvida.)

CORPO: Posso fumar?

CLIENTE: Não.

(Ela fecha a bolsa)

CORPO: De qualquer maneira, estou parando. E agora...

CLIENTE: Agora me fale de você. É daqui?

CORPO: O que você acha?

CLIENTE: Que não.

(Ela continua em silêncio, encarando-o.)

Me diga de onde você é.

CORPO: Te interessa muito saber?

(Um breve silêncio que ela quebra com uma resposta inesperada.)

Sou da Romênia.

CLIENTE: Da Romênia?

CORPO: Da Romênia ou da Rússia. De onde você preferir.

(Ele ri.)

CLIENTE: Da Romênia. Parece-me mais exótico.

CORPO: Não acredita que eu seja romena de verdade?

(Ela faz um sotaque impossível. Coloca a mão no cabelo e solta as madeixas.)

Uma vampira romena para você. Para o seu sangue quente.

(Ela diz isto e não se move, como se houvesse feito um comentário indiferente. Ele fica quieto, por um instante. E continua ignorando o tom jocoso e comprometedor do que acaba de dizer.)

CLIENTE: De que região da Romênia você é exatamente?

CORPO: De qualquer uma.

CLIENTE: A Romênia deve ser um país surpreendente.

CORPO: Esta casa também está cheia de surpresas.

CLIENTE: Como você. Inteira uma surpresa. Pequena, exótica.
Surpreendente.

(Ele lhe dá uma taça pequena de licor)

Prova esse vinho doce, Sarita. Deixa um sabor doce e não dá dor de cabeça.

CORPO: Já chega de brincadeiras e joguinhos. Te conheço.

CLIENTE: A mim também parece que te conheço.

CORPO: Não seja dissimulado, não ria de mim. Sabe muito bem do que estou falando.

Já estive aqui antes.

Foi uma surpresa quando recebi uma ligação como a sua no meu telefone particular. Fiquei completamente confusa. Até agora, nunca tinha me acontecido algo assim. E quando me chamou pelo meu verdadeiro nome. Não por esse *Noemi* tão absurdo, de anúncios para contatos. Mas pelo meu, que tenho tanto cuidado para não mencionar nunca nesta outra parte da minha vida. Meu nome de verdade.

Sara, Sara.

Quando me ligou concordei com tudo que falava para ganhar tempo e tentar ver se me explicava o que estava acontecendo. Talvez tudo não passasse de paranóia minha. Custei a admitir o que suspeitava. Mas quando me deu esse endereço por telefone, tive certeza de já ter estado aqui antes, tinha certeza que te conhecia.

Mas você dissimulava. Fazia como se nunca tivesse me chamado antes, como se não me conhecesse. Me perguntava como eu era, que servicinhos fazia, toda essa porcaria de putas.

Tinha certeza que você fingia; não sabia o motivo, com que finalidade. Mas precisava comprovar se eu tinha mesmo razão. Por isso tinha que ver a casa, tinha que lhe ver.

Você se comportou como se não me conhecesse, e sua atuação foi tão boa que cheguei a duvidar de novo. Não é estranho. Tento esquecer os rostos, os homens. Tenho muito cuidado de separar o que são essas *visitas*, esses *serviços*, de minha vida.

Por fim pensei que talvez tudo tenha sido imaginação minha. E tentei me tranquilizar.

Mas não era assim. Não é assim.

Já eram muitas coincidências.

Este lugar me soava muito conhecido. Você também me soava muito conhecido.

Agora tenho certeza.

CLIENTE: Interessante. Beba um pouco.

(Ela recusa o oferecimento dele.)

CORPO: Esta é a casa. Ainda que esteja quase que completamente na escuridão, não resta dúvida. Os espelhos, você, tudo.

CLIENTE: Não fique nervosa.

CORPO: Não quer saber? Minha outra visita aqui não faz muito tempo. Faz um mês, um pouco mais talvez. Então me chamaram da agência...como costuma acontecer sempre. E vim aqui e estive com você. Naquele momento eu era *Noemí*

CLIENTE: Pode ser que tenha razão, mas não me lembro.

CORPO: Quer que eu lembre por você?

CLIENTE: Continue.

CORPO: Da outra vez a agência me deu um endereço. Sempre me ligam, dão um endereço, um nome e um telefone. Era uma visita a mais. Os encontros nunca se repetem, é um pacto entre eles e eu. Nunca visitar um cliente pela segunda vez.

CLIENTE: Continue.

CORPO: mas dessa vez foi você que me ligou, pessoalmente. Ao meu telefone particular. Ninguém tem esse número. A agência não teve nada com isso.

CLIENTE: Já disse que um amigo me deu seu telefone e seu nome. Eu não costumo usar esse tipo de *serviço*.

(A ela dói que ele diga “serviços”, e lhe machuca o tom de desprezo)

CORPO: Quer detalhes do que aconteceu então? A coisa não deu em nada. Desculpe ser tão franca, mas foi assim. Quase te devolvi o dinheiro. Continua sem lembrar?

(Ele pega a taça que ela não bebeu. Dá-lhe as costas e se dirige ao bar com a taça na mão.)

CLIENTE: Se foi como você disse, é melhor não saber.

(Ele lhe serve mais bebida e a entrega. O líquido quase transborda)

Com isto tiraremos o sabor ruim da boca. Brindemos, por esta segunda oportunidade.

(Ela recusa a bebida, que se derrama um pouco, lhe manchando as mãos e a camisa dele)

CORPO: Por que me chamou de novo?

(Ele sacode o líquido, que empapa suas mãos.)

CLIENTE: Acredito que seja evidente. Não há nenhum mistério nisso.

CORPO: Prefiro que você me diga.

CLIENTE: Queria voltar a estar com você.

CORPO: Reconhece que estive aqui antes. Agora me chamou novamente e cá estou outra vez. Outra vez na mesma casa, com você. Por quê?

(Ele se dirige a porta.)

¿Aonde vai?

CLIENTE: Me limpar. Estou ensopado de vinho. Desculpe. Um momento.

(Ele sai. Ela se mostra alerta, tensa, tentando conter a ansiedade.)

Não dê tanta importância ao que aconteceu no outro dia.

CORPO: Ao que não aconteceu.

CLIENTE: O que aconteceu ou o que não aconteceu. Gostei de você e não há nada que explicar.

(Ele aparece nesse momento pela porta, acabando de abotoar os punhos da camisa.)

E agora aqui estamos, você e eu.

CORPO: Vou tomar esta taça. Preciso. E logo sairei por essa porta para sempre. E você não vai impedir.

(mas antes que se mova, soa ao fundo uma canção cantada por uma voz grave e sensual. Tão ao fundo que sua melodia chega a ser indiscernível e a voz do cantor se torna um sussurro.)

CLIENTE: Antes, escute.

(A voz acomete com os primeiros compassos da melodia. Ele a olha. Ela desvia seu olhar. A jovem fecha os olhos, não sabe como reagir. Sem nenhum tipo de consciência do que faz, entre dentes, recita, e às vezes cantarola, nervosa, a letra da canção.

A canção soa cada vez mais e mais alto.

A garota fecha os olhos. Retumba na CENA a canção. O CORPO fica paralisado. O CLIENTE não se movimenta.)

Por que põe essa canção? Por quê?

CLIENTE: Não gosta?

(Segue tocando a música.

O CORPO não reage.

O CLIENTE não faz nada. Simplesmente, olha em direção de onde ela está. Sem movimentar-se.

A moça, à beira de um colapso, se deixa levar pela letra e pela melodia. Seu corpo, insensível, se agita em certos momentos, às vezes se moldando ao ritmo da canção. Mas de uma forma estranha, convulsa. Naufragando na tempestade que se desencadeia no seu interior.

Acaba a canção. E nenhum dos dois se movimenta, até que ele rompe o silêncio, com um toque de sarcasmo na voz.)

Na Romênia se escutam as mesmas canções que aqui.

CORPO: Por que esta canção?

CLIENTE: A conhece.

CORPO: É uma canção que escuto repetidas vezes, em minha casa, sozinha.

CLIENTE: Coincidimos em tantas coisas. Sincronicidade. Dois desconhecidos com muito em comum. Um pouco de música, uma taça. A companhia de uma moça tão bonita como você. Tudo no ponto, tudo preparado.

CORPO: No ponto? Preparado?

(Ele ri, discretamente.)

CLIENTE: O que poderia fazer para que não desconfiasse de mim? Gosta desses espelhos: como gesto de boa vontade, os darei a você. São seus. Farei com que lhe entreguem.

CORPO: Como vai fazer? Sabe onde moro?

(Ele se aproxima dela. Ri..)

CLIENTE: Não. Mas eu tenho o número do seu telefone, quando estiver tudo certo te ligarei e os mandarei aonde você mandar.

CORPO: Tudo no ponto, tudo preparado. Você é um homem de muitos recursos. Tem meu número, tem meu nome. Que mais tem de mim? Sabe mais alguma coisa?

CLIENTE: Que domina muito bem o português para ser romena.

(Toca a música, de novo.)

Fique aí, contra essa parede.

Dance.

(Mas ela não dança, não se move. Somente o olha. a música transcorre sem que nenhum dos dois se mova.)

Mexa-se.

CORPO: Gosta de ver.

Certamente também gosta de imaginar coisas.

Imaginar que me segue enquanto caminho por uma rua qualquer.

Imaginar que me segue, que me olha. Sem que eu te veja. Sem saber se está ali ou não.

CLIENTE: Quero que se mexa.

(A música continua tocando, mas ela não dança.)

Imagino você.

CORPO: Me seguir muito perto, caminhar roçando meus passos. Até que eu sinta atrás de mim a presença de um desconhecido. Muito perto de mim. Com certeza você gosta.

CLIENTE: Imagino você.

Não escuto como se mexe. Quero lhe ver dançar. Quero escutar você cantar.

Quero imaginar você.

CORPO: Com certeza já seguiu outra moça, sem que ela soubesse. Quantas já seguiu assim? Imaginou a mim alguma vez, imaginou que seguia meus passos? O fez de verdade? Me seguiu? Atrás de mim, sem que eu soubesse, sem se revelar. Me diga. o que fez? Me seguiu? sim ou não?

CLIENTE: Parece sedutor. Ser sua sombra.

Imagino você.

(Ela se cala, o olha, com ódio)

CORPO: Sabe o que se sente quando alguém te segue, sem que você saiba o porquê e nem para que?

(Ela se cala, ainda que não espere nenhuma resposta dele. Ele se aproxima dela, por trás. E estende suas mãos, se colocando sobre os peitos dela. Ela aperta os punhos.)

Não se aproxime.

(Mas ele a captura suavemente com suas mãos, e ela não se separa.)

Não me toque.

(Ele não liga, e ela com suas mãos pega as dele, ainda sobre seu corpo.)

Saber que alguém vive a minha vida, que alguém observa tudo o que eu faço. Alguém que quando viro a cabeça desaparece do nada...

Me sentir espiada por um desconhecido. Vivendo dia a dia com o coração na mão.

(Ela finalmente se liberta de suas mãos, e avança uns paços, ficando ele por trás da moça)

Sabe o que se sente? Raiva. Impotência e raiva.

CLIENTE: Tranquila. Esquece o que se passou ali fora. Aqui você não deve se preocupar com nada. Confia em mim.

CORPO: Não posso confiar em alguém como você.

CLIENTE: Você deveria ser mais amável. Enfim o cliente sou eu.

CORPO: Não me sinto obrigada. Ainda não me pagou.

CLIENTE: Você acha que vou te enganar?

(Ele tira uma carteira de sua calça, tira dela umas quantas notas que já tinha separadas, e lhe dá o dinheiro.)

Isto é o que combinamos. Correto? Pode contar.

(Ela pega o dinheiro. Amassa as notas e faz uma bola, que guarda na sua bolsa. Ele se aproxima dela. Ela fica na defensiva. Ele tira mais uma nota.)

E isto é para que você seja mais simpática.

(Ela lhe pega o novo bilhete e se o guarda na bolsa.)

CORPO: O que quer que eu faça?

CLIENTE: Já te disse por telefone.

CORPO: Eu não gosto de negociar por telefone. Prefiro discutir as condições com o cliente, lado a lado, olhando nos olhos.

CLIENTE: Você tem algum tipo de objeção?

CORPO: Sem dúvida que você vai querer algo sujo, algo um tanto proibido. Se pagar, não tenho objeções.

CLIENTE: Só quero desfrutar de você e do seu corpo, desfrutar os dois juntos e que passemos bons momentos.

CORPO: Você paga. Pode gozar quantas vezes quiser desde que faça fora. Pode gozar nas minhas mãos, nos meus seios. Gozar no meu rosto, mas sempre fora.

CLIENTE: Você não tem que ser vulgar.

CORPO: Quer algo mais fino. Uma puta que não pareça uma puta.

Universitária. Provocativa, mas com classe. É aí onde me encaixo?

Que quer? Quer me olhar? Observar-me com todos os detalhes?

Isso é o que quer. E depois, que?

CLIENTE: Depois, veremos.

CORPO: E depois, você verá. Você conhece muitas coisas de mim. Um estranho tem em suas mãos meu número de telefone, meu nome, minha vida.

CLIENTE: É fácil conseguir o telefone de alguém como você.

CORPO: Sou uma pessoa. Não vou deixar que um desconhecido faça comigo o que bem entender.

CLIENTE: Só peço que você seja amável comigo, como deve ser com qualquer outro cliente seu.

CORPO: Você não tem direito de se meter assim na minha vida particular.

CLIENTE: Paguei, cumpri com minha parte. Agora você é quem deve cumprir a sua. Não me interessa sua vida, só o que acontece aqui, entre nós. Isso é o que eu quero. Paguei por isso.

CORPO: Não ache que sou tão inocente. Não vim sozinha. Trouxe uma pessoa comigo caso surgisse algum contratempo. Está aí fora, vigiando. Se vir ou ouvir algo estranho, entrará aqui.

CLIENTE: Quero ver seu amiguinho, quero comprovar se é verdade que existe e está aí.

(Ela dúvida. Ele se aproxima dela, tentando pegá-la pelos braços.)

Vamos, diga a ele que entre. Ficaremos bem os três juntos.

CORPO: Não se aproxime.

CLIENTE: Se quer ir embora, não vou impedir. A porta está aberta. Vá. Acompanho-lhe até a saída.

CORPO: Se eu for, como vou saber que não voltará me ligar, que não você voltará a me incomodar? Como sei que você não vai me seguir pela rua nunca mais, me espiando quando estiver desprevenida?

CLIENTE: Não está nos meus planos fazer nada disso. Vá se é isso que quer, sem medo.

(Ele se aproxima dela perigosamente, ganhando posições para impedir sua saída.)

Mas deixe eu me despedir de você como você merece.

(Ele praticamente a tem, encurralada.)

CORPO: Parado ou não respondo por mim.

(Ela, com precipitação e medo, tira da bolsa um revólver pequeno e lhe aponta.)

Não vou repetir.

Parado ou te mato!

CLIENTE: Matar-me, você? Você mesma, com suas próprias mãos vai me matar? Ou é o seu amigo quem vai? Não ia chamá-lo? Não ia abrir a porta? O que veio procurar nesta casa? Ninguém te obrigou a vir aqui.

CORPO: Me larga ou eu grito.

(Ela tenta romper o cerco.)

CLIENTE: Nada te obrigou a aceitar este serviço. Se não queria fazê-lo, era só dizer que não. Teria chamado outra. O jornal está cheio de anúncios de garotas como você. Garotas jovens, bonitas, todo tipo de serviços.

CORPO: Não valia nenhuma outra. Você chamou a mim. Você me chamará de novo, sei disso. Você me perseguirá. Até Quando? Se lê muitas coisas de gente como você nos jornais. Não quero que isto acabe de uma maneira qualquer. Quero viver tranqüila. Por isso vim. Para que isto acabe aqui.

(Ele se aproxima a ela, até quase abraçá-la. Lhe pega do braço armado, e ela se encolhe sobre si mesma. Sem querer, lhe roça com a pistola na cara. Então, o homem adverte que ela tem uma arma.)

CLIENTE: Que é que tem aí?

(Ele resiste com ela.)

Pode me explicar?

(Ele a imobiliza, segurando com força o braço.)

Você está me ameaçando de verdade. Atreveu-se a vir e entrar em minha casa com uma pistola. Para Quê? Você está louca?

(Ele pára o assédio. Se retira.)

Chega.

(Pausa.)

Não posso continuar com isto.

(Ele se afasta dela. Tira sua carteira.)

Acabou.

(Ele lhe dá dinheiro.)

CORPO: Mais dinheiro? Por quê?

CLIENTE: Espero que compense os aborrecimentos. Chame um táxi e espere lá fora.

CORPO: Não te devo nada. Quando sair por essa porta, espero não saber de você nunca mais.

(Ela caminha até a porta. Mas ele a intercede no percurso e interrompe sua saída, lhe pegando pelo punho.)

Me deixe. Não tente mais nada.

CLIENTE: Não penso em te fazer nada, portanto não me ameace.

(Ela tenta apontar, mas ele lhe baixa o braço com força.)

Guarda isso. E saia da minha casa.

(Ela se separa dele.)

CORPO: E depois, o que? Assustar-me cada vez que meu telefone tocar, sabendo que pode ser você do outro lado? Não poder caminhar tranqüila pela rua, sempre com medo de olhar para trás, sempre com medo?

CLIENTE: Não se preocupe. Não vou te incomodar. Não vou te ligar. Nunca mais. Você se enganou comigo. Não sou o que você acha.

(Ele se retira da frente porta, lhe dando passagem. Ela começa a duvidar. Mas segue empunhando, fracamente, a arma.)

Vá.

(Ela se dirige à saída. Pára. Se vira e olha. Ele se virou para a parede. Não se movimenta. Ela baixa o revólver. Em silêncio, caminha para ele, até ficar muito perto, sem que ele se dê conta de sua presença. E estende sua mão ante seus olhos, de forma súbita, violenta, mas sem tocar-lhe. Ele não se altera.)

Não me entendeu? Eu disse para ir.

(Silêncio. Ela compreende que ele não pode vê-la. Ele é cego. Ela nervosa, tenta se desculpar.)

CORPO: Sim...

Talvez eu não tenha razão.

Talvez tenha me enganado com você.

Antes de ir, quero te dizer algo.

(Ele a olha. Ela se movimenta em silêncio para o outro extremo do quarto. Ele segue olhando para onde ela estava antes de se movimentar. Ela duvida antes de falar.)

Não sei como isso pode ter acontecido.

(Quando ela começa a falar, ele, dissimulando, gira ficando em frente à posição da moça.)

As coisas saíram do meu controle. Talvez seja eu quem esteja perseguindo fantasmas. Tinha imaginado coisas que agora compreendo que não são possíveis.

Que felizmente não são.

Hoje em dia, nas notícias, vemos milhares de barbaridades... Este é nosso mundo. E em um trabalho como o meu, se está exposta a qualquer coisa.

Mas isso não importa.

Sinto muito.

(Ela envergonhada, guarda a pistola, que agora pesa na sua mão.)

Cometi uma estupidez, reconheço.

(Ela, de novo em silêncio, se aproxima dele. Ele adverte sua presença junto dele.)

Poderia ter sido pior, e me dá medo só pensar.

(Ela volta a retirar-se, afastando-se dele. Ele a segue com o olhar)

Foi tudo um erro. Um erro desde o princípio.

Não deveria ter atendido ao telefone, não deveria ter dito que sim, não deveria ter vindo.

E não deveria ter pensado de você tudo que pensei.

CLIENTE: Não deveria ter trazido uma pistola.

CORPO: Não deveria ter trazido uma pistola.

CLIENTE: Não.

CORPO: Me perdoe.

CLIENTE: Não preciso de suas desculpas.

CORPO: Gostaria de ajeitar isto.

CLIENTE: Acabou. Não quero ouvir mais você. Não deixei bem claro? Fora.

CORPO: Tinha me enganado com você. Se eu soubesse o que realmente lhe passa...

Você dissimula muito bem.

CLIENTE: Que quer agora?

CORPO: Não gosta mais? Não gosta mais de mim, não gosta do meu corpo, não gosta dos meus olhos? Olhe para mim.

CLIENTE: Não tenho vontade de jogar.

CORPO: Agora, você ficou tímido?

Gosta do meu corpo? Acaricie.

Você queria me olhar? Olhe.

Gosta dos meus olhos. Você disse antes.

Veja. Olhe meus olhos. Gosta da cor? Diga-me de que cor são e se gosta assim. *(Ele tenta evitar o assédio da moça. Mas ela lhe retém.)*

Por favor, agora compreendo o que passa. Mas não entendo sua atitude. Por mim, não precisava esconder. Agora me explico porque você parece tão estranho. Se você tivesse sido sincero... O que aconteceu não foi só culpa minha...

CLIENTE: Culpa? Do que está falando?

CORPO: Não quero que se sinta mal.

CLIENTE: Se preocupe com você e deixe os outros em paz.

CORPO: Não continue dissimulando.

CLIENTE: Ao que se deve esta mudança de atitude?

CORPO: Seus olhos. Olhe para mim. Que têm eles?

CLIENTE: Isso é problema meu.

CORPO: É de nascença?

CLIENTE: Também devo responder a isso?

CORPO: Fui muito brusca. Perdoe-me. Mas não é necessário que você se esconda. A mim não me incomoda que você seja... cego.

CLIENTE: Me chame de cego, é mais fácil para todos.

CORPO: Preciso que me perdoe.

CLIENTE: Depois do que você fez e disse?

CORPO: Por isso mesmo. Porque não sabia. E agora que sei, tento compreender e acho que o que fiz foi errado. Sinto muito.

CLIENTE: Não quero suas desculpas e não me faz falta sua compressão.

CORPO: você deve se sentir muito sozinho.

CLIENTE: Tenho que contar a minha vida a uma puta?

(Silêncio. Ela se sente ofendida.)

CORPO: Não vamos mais nos ferir.

CLIENTE: Então saia desta casa e me deixe em paz.

CORPO: Enganei-me com você. Vim porque achei que alguém estava se metendo na minha vida. Porque sentia você me ameaçando, mais e mais, e me via sozinho.

Então você me ligou. A meu telefone particular. Você era um intruso, Entrando na minha vida, na minha casa. Você me chamou pelo meu nome e me comecei a tremer. Suspeitei de você. Tinha todas as razões para isso. Por isso vim até aqui, porque tinha que me certificar o que realmente havia por trás da sua ligação. Você sabia muito de mim. Podia ser você.

Mas agora vejo que isso é impossível. Não pode me ameaçar, não pode me seguir, não vai me fazer nenhum mal.

CLIENTE: Um cego pode fazer pouca coisa. Um cego desperta só pena e compaixão.

CORPO: Não quis te fazer nenhum mal. Não gosto de fazer mal a ninguém, assim como não suporto que façam a mim.

(Ela abre sua bolsa. Tira todo o dinheiro que ele lhe deu antes.)

Toma isto.

(Ele rejeita o dinheiro que ela lhe passa.)

CLIENTE: Fica. Isso não é meu.

(Mas ela não o aceita.)

CORPO: Para mim é. Por isso não o quero.

(Ele a separa.)

CLIENTE: Espero não te ver nunca mais. Se encontro você ou algum de seus amigos rondando a minha casa, chamo a polícia.

CORPO: Isso foi um blefe. Não existe mais ninguém. Estou sozinha.

CLIENTE: Ainda não sei quais são suas intenções. Não sei o que quer agora.

CORPO: Me deixe consertar isto. Deixe que eu conserte da melhor maneira.

(Ele se separa dela. Ela desabotoa a blusa, e a deixa cair no chão. E o atrai para ela.)

Achei que gostava. Que por isso me fez vir de novo.

CLIENTE: Vou chamar o táxi.

CORPO: Há tempo. Muito tempo. Não vamos desperdiçá-lo.

(Ela lhe beija no pescoço, na orelha. Ele mostra que lhe incomoda essa carícia tão perto.)

Esquece o que aconteceu antes.

(Pausa.)

CLIENTE: Você Acha que preciso tanto assim do que você pode dar?

CORPO: Sim.

CLIENTE: Por que você tem tanta certeza?

CORPO: Por isto.

(Ela se aproxima dele, lhe beija. Ele a retira.)

CLIENTE: Não é questão de um beijo.

CORPO: Não vai ser só um beijo, não vai ser só uma carícia. Isto vai ser algo mais que uma visita, que um serviço.

CLIENTE: É assim que você costuma pedir perdão?

CORPO: Não.

CLIENTE: Sente pena de mim?

(Ela volta a beijá-lo, na boca, longamente)

CORPO: Você acha que isto é porque tenho pena de você? Deixe que agora eu comande.

(Ele agora não a retira.)

Depois você poderá continuar do seu jeito, e fazer o que quiser. Do seu gosto.

(Ela se junta a ele, se roça contra seu corpo.)

CLIENTE: Por que confiaria em você agora?

CORPO: Vou dizer por que. Vou explicar com muito cuidado. Quer continuar? Deixe-me, prove um pouco, mais nada.

CLIENTE: É difícil te responder que não.

CORPO: Mas agora diga meu nome, no ouvido. Diga.

(Ele o vai dizer, mas ela lhe tampa a boca com a ponta dos dedos.)

Assim não, mais perto.

(Ele o diz ao pé do ouvido, em um sussuro.)

Outra vez.

(Ele lhe lambe a orelha.)

Imagine como sou.

CLIENTE: Imagino como você é. Imagino.

CORPO: Diga-me. Quero saber como você me vê.

CLIENTE: Você é bonita. Muito bonita.

(A cara dele está perto da dela. Ela lhe beija, lambendo-lhe o rosto.)

CORPO: Olha bem.

(Ela lhe acaricia, acima dos olhos.)

Me toque

(Pega as mãos dele, e as situa sobre seu rosto. Ele dúvida em tocar-lhe o rosto.)

Não irá ter medo agora?

(Ele lhe toca o rosto.)

CLIENTE: Não posso te ver.

CORPO: Aproxime-se muito mais.

(Ela tira dele, até que os dois corpos entram em contato.)

Assim

Me toque. Meu corpo está tremendo. Está percebendo?

Quero sentir como você acaricia.

Quero sentir como você me deixa nua com seus beijos.

Quero sentir como você descobre, sob a pele.

Estou esperando suas mãos.

Meu corpo está esperando.

(Ela guia agora as mãos dele sobre o corpo dela. Ela lhe toca, acima da calça, na entrecoxa.)

Gosta? Sim? Vamos, se atreva. Só você. Suas mãos.

Não. Espera. Não faça ainda.

CLIENTE: Vou tocar você.

CORPO: Não.

CLIENTE: Vou te tocar.

CORPO: Não.

CLIENTE: Vou te tocar.

CORPO: Sim.

(Ela relaxa completamente.)

Vou deixar você fazer. Você me tem, estou esperando.

(Ele tateia. Ela estende seus braços. As mãos se encontram e se entrelaçam. Se beijam e rodam pelas paredes, em uma brincadeira de beijos, de carícias, de escarcéus sexuais. Mas sem chegar a mais nada. Ela tenta separar-se dele. Ele lhe atrai para si.)

Gosto de te sentir perto.

(Ele lhe fala muito perto.)

CLIENTE: Tenho seu corpo aqui, entre minhas mãos. Sinto como o seu coração bate forte, como seu corpo treme.

Sinto que aqui alguém te acariciou.

Sinto que aqui alguém te fez mal.

Sinto que aqui alguém te beijou.

Escuto o que vêem minhas mãos.

O que diz o teu corpo.

(Ele situa suas mãos sobre os ouvidos dela. E lhe sussurra algo. Silêncio. Que ela quebra.)

CORPO: Prefiro seja você que continue me comandando.

(Ela retira as mãos.)

CLIENTE: Eu gostaria de te beijar, desde os pés até a boca. Por todo o corpo. Subindo pouco a pouco. Até chegar em teus lábios. Eu gostaria de comer a boca, brincar com sua língua.

(Se beijam. Se fundem num beijo profundo e cego. Ele se retira. E a sustenta com seus braços abertos, em silêncio.)

Gostaria de fazer tantas coisas com você.

Mas antes vou pedir algo.

(Ela tem uma leve dúvida do que possa acontecer. Com um ponto de prevenção e de medo.)

Fale em romeno.

(Ela ri.)

CORPO: Todos temos algo a esconder. Com certeza você também está cheio de segredos.

CLIENTE: Gostaria de conhecê-los? Quanto daria para conhecer meus segredos?

CORPO: Darei o que você quiser pedir.

CLIENTE: Tanto?

CORPO: Tanto.

CLIENTE: Não acho que você se atreva.

CORPO: Prometo.

CLIENTE: Com a boca pequena?

CORPO: Com esta boca. Vem. Comprova se o que te prometo com ela é verdade ou não.

(Ela o beija)

CLIENTE: Eu não te pedirei certas coisas, Você terá que me dar.

CORPO: Você vai desfrutar comigo.

(Ele se separa dela.)

CLIENTE: Preciso que você faça o que eu te diga. Você deve ficar tranqüila. Não vai te acontecer nada de mau.

Sente-se.

(Ela se deixa dirigir por ele.)

Não deve ver nada.

(Ela se abraça a suas pernas. Ele responde a suas carícias, e tira da sua bolsa uma venda com a qual lhe tampa os olhos dela.)

CORPO: Não me amarre.

CLIENTE: Não vou te amarrar. Mas não vai se movimentar. Prometo.

(Ele se separa dela. E a deixa só, em metade do quarto, vestida só com roupa íntima e com uma venda nos olhos. A luz se apaga.)

CORPO: Não devo movimentar as mãos.

Não posso me movimentar.

Não devo ver nada.

Não vejo nada.

Não sei onde você está.

(Um zumbido. A luz de um projetor.)

Qual é o jogo agora?

(Um clique e um zumbido. Contra a parede, iluminando o CORPO completamente, o feixe de um projetor de slides cobre a CENA com uma série de fotografias em que a moça é seguida por um observador anônimo.)

Na CENA, CORPO se mantém em seu lugar, com visível incômodo. O CLIENTE se mantém fora da visão do OLHO, na escuridão. Só se ouve o zumbido do projetor.)

O que há agora?

(Um clique e um zumbido. Uma foto que se projeta.)

Não te escuto.

(Um clique e um zumbido. Outra foto que se projeta. A moça agüenta sem se movimentar.)

Silêncio.

Ela aguenta a duras penas uma risadinha nervosa.)

Não vou rir.

(Um clique e um zumbido. Uma foto sobre a parede, sobre o corpo dela. Um clique e um zumbido. E outra foto. E outra. Fotos que a surpreenderam em situações cada vez mais comprometedoras. O OLHO observa. A respiração do CORPO preenche a CENA de angústia. O CLIENTE não está.)

Estou morrendo de sede.

(Silêncio.)

Vou levantar e tirar isto dos olhos.

(Silêncio.)

Não.

(Silêncio.)

Não vou fazer.

(Desde milhares de pontos, do teto, das paredes, estouram pequenos flashes. A CENA impacta no OLHO e ilumina assim o CORPO. O analisam em milhares de fragmentos, o rompe e o fixa em milhares de instantâneas. E guarda cada uma dessas tiradas fotográficas.)

O que está acontecendo aqui?

(Ela grita. Depois do grito, a escuridão mais profunda.)

Onde você está?

(Ela respira ofegante.)

Me responda

(Silêncio. A voz dele chega de algum lugar indeterminado na escuridão.)

CLIENTE: Se quer ir, vá.

Se ficar, será porque você quer assim.

(Ela não responde. Pausa.)

CORPO: Que está acontecendo?

(O feixe do projetor, sem foto alguma, ilumina o CORPO. Ela tira a venda.)

Que luz é esta? O que você estava fazendo? Diga. O que é o que havia na tela?

CLIENTE: Não faça perguntas.

CORPO: Eram fotos. Que tipo de fotos? Não faz nenhum sentido que alguém como você fique tirando fotos.

(Ela olha ao homem, que já é visível na CENA. E depois a atenção dela se dirige para a tela em branco. A moça se volta para o homem.)

Quero vê-las.

CLIENTE: Não acho que seja o mais adequado.

(Ela se entra na zona de luz criada pelo projetor.)

CORPO: Você é quem estava me perseguido estes dias. Você é quem esteve me roubando imagens, que tirou fotos minhas.

Você é quem eu tanto temia. Você é quem estava me procurando.

CLIENTE: Sou cego. Não lembra?

(Ela passa a mão sobre seu rosto, em silêncio. Ele não tem nenhum gesto de reação.)

CORPO: Você é cego, não duvido. Mas me dou conta que não faz diferença que você seja ou não. No final, fui muito inocente. Você pode ter contratado alguém para que me seguir. Você pode ter encarregado a outras pessoas para que fizessem as fotos. Pode ser que inclusive estejam aí, esperando, na escuridão. Onde estou? Onde me meti?

(Na tela aparecem as fotos desses instantes roubados dela. A moça evita olhá-las.)

CLIENTE: Não há mais ninguém. Estamos sozinhos, eu e você.

CORPO: Como sei que agora não está mentindo?

CLIENTE: Você tem minha palavra.

CORPO: Sua palavra? Você pede que eu acredite em você? Você me dá medo. Não se aproxime. Vou gritar.

CLIENTE: Por favor, não faça isso. Eu precisava que você voltasse. Não podia deixar naquela única vez.

CORPO: Para que quer estas fotos? Não pode fazer nada com elas. Nada normal. Não quero ser parte de nenhuma coleção. Me dê!

CLIENTE: Depois, talvez. Agora não.

CORPO: São só para você? Ou vai mostrá-las a alguém mais? O que que fez com elas? Me dê agora.

CLIENTE: Você está me ameaçando de novo?

(Sobre a parede, aparecem projetadas mais fotos dela, em momentos íntimos, em momentos de solidão.)

Venha, pegue-as.

(Ele abre o chassi do projetor. Ela coloca os slides na bolsa. Quando acaba, lhe exige.)

CORPO: Os negativos.

(Ele não se movimenta.)

CLIENTE: Não há negativos. Isso é tudo.

(Silêncio. Ela lhe olha.)

CORPO: Os negativos.

(Ele se mantém quieto por um momento. E depois se vira e vai para um arquivo. Abre uma gaveta e tira vários envelopes. Ela se dirige a ele e os pega. Revise o conteúdo: negativos, contatos. Olha a contraluz alguns dos negativos.)

Está tudo aqui. Tudo. Você me seguiu por todos os lugares. Há fotos de tudo o que eu faço. Em qualquer momento, em qualquer situação.
Toda minha vida está aqui.

(Ela revira a gaveta. Tira fotografias, contatos, os espalha sobre o chão. Se agacha, olha. Se levanta e pega mais material. Ela lhe olha. A moça chora.)

Com certeza não são todas.

Com certeza você esconde mais.

Por isso tanto faz o que eu faça com estas. Se as levo, ou as destruo. São só parte de tudo o que você me roubou. Do que você me roubou. Deveria queimar tudo. Deveria queimar a casa. Se você é um cego, posso queimar tudo sem que você faça nada para impedir. Queimar a casa com você dentro. Isso é o que você merece.

CLIENTE: Destrua se é isso que quer.

CORPO: Você está louco.

(Ele quer tocar-lhe o braço. Ela lhe retira a mão, de um bofetão.)

É melhor que não tente fazer nada estranho. Sei onde você mora e tenho amigos que me protegem. E agora estou falando sério. Virão aqui se eu quiser. Eles saberão o que fazer.

CLIENTE: Está com pressa?

CORPO: Estão me esperando.

CLIENTE: É um dia especial?

CORPO: O que tem isso agora?

CLIENTE: Ninguém espera por você. Só a sua casa vazia.

CORPO: Filho da puta.

CLIENTE: Você só fica em casa, esperando que alguém ligue. Esperando uma ligação que não chega. Esperando alguém que nunca vai chegar.

CORPO: Corno, filho da puta.

(Ela avança sobre ele, dando socos. Surpreende-lhe e caem no chão, entre fotos, negativos e outros materiais fotográficos. Ela bate nele, à beira da histeria.)

Filho da puta.

(A luta é corpo a corpo. E entre exclamações de dor, gritos e gemidos, é difícil distinguir se realmente lutam ou fazem o amor. De forma animal, insensível. Os olhos se fecham. As gargantas se abrem.)

Quantas passaram por esta casa? Não quero saber o que você fez com elas.

CLIENTE: Só tem você.

CORPO: Não quero saber nada.

CLIENTE: Só pode existir uma pessoa como você. De maneira nenhuma pode existir ninguém além de você.

CORPO: Não.

Isto não é real. Tenho minha própria vida, e é só minha. Deixarei esta merda quando quiser. Nada me impede.

Não sou uma puta.

Não sou sua.

(O suor faz com que as poucas roupas dela se colem à pele. O CORPO se estremece sobre o CLIENTE. A moça roda sobre o homem, com violência. Ele se queixa, ela lhe provoca dor.)

Não quero saber mais nada. Não tinha que ter vindo a esta casa.

(Ela se estremece pelo orgasmo. Ele espera. Invertem suas posições. Sobre ela, ele continua movimentando-se, uma e outra vez, de forma mecânica, já sem prazer. Com esforço. E provocando dor nela, uma dor da qual ela começa a se queixar, até que o empurra, que o joga para longe de si. Se arrastam pelo chão, cada um para um lado.)

Não me toque. Não me toque.

(Ela escorrega pelo chão. Ele fica quieto.)

Me faz mal. Nos fazemos mal. Não temos como impedir.

É muito tarde já. Não teria que estar aqui. Já deve ser de noite. Uma noite cheia de estrelas. Não deveria ter vindo.

CLIENTE: Não há estrelas.

CORPO: Não pode ver as estrelas. Não pode senti-las. Não pode ver nada.
Não pode sentir nada. Nada.

CLIENTE: Fizemos amor.

CORPO: Eu não faço amor.

Fodemos.

(Ela, ainda no chão, cheira as mãos, com desagrado. Ele sobe as calças, e se levanta. Ele se aproxima atrás dela. A moça se vira e suas unhas arranham o rosto do homem. Ele, agüentando a dor, não se movimenta.)

Tenho que me lavar.

CLIENTE: O banheiro é à direita.

(Ela pega sua bolsa. Se aproxima dele e o olha.)

CORPO: Nunca mais voltarei a fazer isto. É meu último serviço. Nunca mais, nem com você, nem com ninguém. Nunca mais.

(Ele vai acariciá-la. Ela lhe toca a mão. Ele se solta e lhe acaricia a bochecha. Ela lhe esbofeteia. Ela pega sua bolsa e sai em direção ao banho. Ele espera por um momento. Depois apaga as luzes. Sai para o corredor, para a porta da rua. Se escuta como fecha a fechadura com a chave. Ao fundo fica a luz do banheiro. A canção começa a soar de novo, desde o princípio, de forma estrondosa. A luz do banheiro se apaga. Passos dela. Ainda nua, a moça, à noite, entra no salão.)

Acende a luz, por favor.

(Um flash estoura e surpreende à moça, que tinha saído do banho.)

Posso saber o que está fazendo?

(O OLHO se retrai ante um novo flash e, de novo, a escuridão.)

Acende a luz.

.....

(O rosto da moça vai se alterando para terror com os sucessivos disparos da câmera, que surgem de todas partes.)

Deixe-me ir

(FLASH)

Onde está o interruptor?

(FLASH)

.....

(Ela procura, de um lado a outro do quarto. Grita. Ele permanece em silêncio.)

Acende.

(FLASH)

A luz, a luz.

(FLASH)

Não!

(O golpe inesperado de um disparo. O eco de seu estalo se apaga sob a música distorcida. Nenhuma palavra, nenhum som humano.

Uns passos. Uns ruídos. Algo que cai. Sem que o OLHO possa descobrir o que aconteceu.

Ela acende a luz. Na sua mão está o revolver. A seus pés, a bolsa aberta; ao redor desta, os slides, espalhados pelo chão, se misturando com o resto do material fotográfico. Ele está de pé. Se segura com a mão direita o braço esquerdo.

A canção continua tocando.)

nem pense em se aproximar. Onde está essa câmera?

CLIENTE: Não vai disparar.

CORPO: Posso fazer. Posso disparar sobre você até que arrebente. E sair daqui sem me importar com o que aconteça com você.

CLIENTE: Agora não te dou pena, não é? Agora não pode mais fingir. Isto é real. Seus olhos devem estar muito abertos.

(Ele se aproxima. Ela levanta a pistola.)

Sua boca está seca. A garganta arde.

CORPO: Não me dá medo.

CLIENTE: Escuto. As batidas do seu coração.

Você continua nua? Não me diga.

CORPO: Tira a música.

CLIENTE: Sim, você está nua. Sinto o roçar da sua pele contra sua própria pele, contra o ar. Sinto como você movimenta. Sei onde você está. Não pode se esconder.

(Ela não se movimenta. O observa em silêncio.)

Esperei que você viesse. Tenho esperado este momento. Sabia que tinha que ser com você. Você deve sentir também.

Este é um jogo de dois.

Posso ouvir sua respiração.

.....

Aí.

.....

Escuto seu coração.

.....

Aí.

.....

Você disse que isto ia ser algo mais que uma visita. Você Lembra?

.....

Por isso, não vai disparar.

.....

Aí.

.....
Posso te ver. Te escuto. Sinto teu cheiro.

.....
Dispara agora. Agora.

.....
(Ela descobriu uma câmera, oculta. Ele compreende que ela está ao lado da câmera e que a descobriu.)

CORPO: Não vou acabar sendo parte da sua coleção.

CLIENTE: Você já está aqui, para sempre. Você perdeu.

CORPO: Ainda não. Não me tem. Ainda não ganhou nada. Nada.

(Ela com a pistola na mão bate na câmera e a joga no chão. A lente e toda a câmera se desfaz em mil pedaços.

Pausa.

Os restos da máquina espalhados no chão.

Ele procura no chão com a mão aberta. Pega o rolo de negativo velado.

Oferece-o para a jovem.)

CLIENTE: Pegue isto se quiser. Pode levar.

(Ela compreende. Dá a volta, e aponta com a pistola ao redor dele, em todas as direções. Toda a CENA é uma imensa máquina fotográfica, e o OLHO captura esse novo momento.)

CORPO: Onde estou? Mandou que me perseguisse e tirassem fotos minhas. O que é esta casa? Que é o que você me fez? Que você é você?

CLIENTE: Te tenho.

(Ela o olha. E se sobrepõe ao medo, à impotência. Aponta-lhe a arma. Aponta para todos os lugares da casa. Para as paredes, para o teto.)

CORPO: Não. Você não tem. Está enganado. Nunca poderá me ter.

(Ela se dirige à porta, buscando a saída.)

Mas não quero saber mais nada. Vou embora. Saio deste jogo.

(Mas antes que ela consiga escapar a luz se apaga. Se ouve na escuridão o ruído que ela faz Tateando e buscando uma saída.)

CLIENTE: Não posso deixar que você vá embora.

CORPO: Encontrarei a saída.

CLIENTE: Você vai sair na rua assim?

CORPO: Chamarei à polícia.

CLIENTE: Vão dar atenção? A alguém como você?

(Um disparo.)

CORPO: Chega. Você jogou do seu jeito. Agora, me deixe ir.

CLIENTE: Estou aqui.

(Um disparo.)

Aqui.

CORPO: Meus amigos sabem seu endereço.

CLIENTE: Aqui.

CORPO: Não se atreva a me tocar.

(Ela dispara. Mas o carregador se esvaziou, e só soa um estalo no ar. Uma e outra vez. Inutilmente. Ela chora, e deixa cair a pistola no chão.)

CLIENTE: Estou aqui.

CORPO: Não me faça mal.

CLIENTE: Estou aqui.

CORPO: Se quiser fico com você. O tempo que desejar. Farei tudo o que você disser. Voltarei sempre que queira.

CLIENTE: Não. Não fará falta.

(FLASHES.)

(Na tela aparecem fotos que poderiam corresponder às últimas que foram tiradas na CENA; A VOZ masculina descreve com entonação fria e impessoal, sem nenhuma tensão, entre a sujeira do registro do gravador.)

ELA TEM MEDO. ESTÁ EM UMA CASA ESTRANHA. OS FLASHES LHE ATERRORIZAM. ELA TENTA PENSAR. PROCURA UMA VIA DE ESCAPE. NÃO SABE SE PODERÁ SAIR DA CASA. NÃO TEM NINGUÉM A QUEM PEDIR SOCORRO. ESTÁ SÓ.

(As fotos agora correspondem a imagens roubadas, similares às do prólogo. Efeito sonoro: a rua, de noite.)

SE RESTABELECE CONTATO VISUAL ÀS 00:37.

A RUA ESTÁ VAZIA. ELA CHEGA ANDANDO A SUA CASA. TIRA AS CHAVES DA BOLSA. ABRE A PORTA. ÀS 00:41 CHEGA NO SEU APARTAMENTO. ACENDE A LUZ. JOGA A BOLSA. VAI PARA A JANELA. BAIXA A PERSIANA. SE PERDE O CONTATO VISUAL.